

PADRÕES DE DECORAÇÃO EM VASILHAMES CERÂMICOS NO RIO DE JANEIRO, SÉCULO XIX

Camilla Agostini¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo divulgar os principais resultados da análise do material cerâmico de três sítios arqueológicos históricos, referentes ao Rio de Janeiro do século XIX. A análise se voltou particularmente para os aspectos decorativos de vasilhames cerâmicos sem tratamentos de superfície tais como o vidrado, vitrificado ou engobado, com o intuito de realizar um estudo comparativo em sítios de diferentes contextos, assim como oferecer dados sistematizados para futuras comparações intersítios.

ABSTRACT

This article intends to spread the main results of a ceramic analysis from three historical archaeological sites of Rio de Janeiro, in contexts of the nineteen century. The analysis focuses is particularly on decorative aspects of ceramic vessels without surface treatment like “vidrado”, “vitrificado” or “engobado”, developing a comparative study of sites in different contexts, and offering the main data results for future intersites analysis.

¹ Arqueóloga, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho, IFCH/Unicamp.

O material cerâmico normalmente encontrado nos sítios arqueológicos históricos apresenta-se de forma variada. São comuns as cerâmicas vidradas, vitrificadas, com superfície polida ou engobada, de pasta homogênea avermelhada e uma categoria que podemos considerar como cerâmica simples. Esta última, segundo a análise aqui desenvolvida, engloba a categoria denominada neobrasileira, definida e caracterizada nas décadas de 60 e 70, e minuciosamente descrita em 1988 por Dias Jr., além de outros vasilhames sem qualquer tratamento de superfície e de confecção artesanal.

O interesse por essa categoria atende a dois objetivos principais: oferecer novos dados que permitam reflexões sobre os regionalismos da cerâmica simples produzida no Brasil oitocentista; assim como uma possível influência de escravos afro-descendentes na sua confecção, focalizando para isso especialmente os padrões de decoração.

Dias Jr. (1988) buscou sintetizar características comuns a uma cerâmica que seria fruto do contato cultural entre indígenas e europeus, e, possivelmente, africanos. Supostamente de produção local e consumo familiar, esta cerâmica, designada Neobrasileira, foi descrita, em termos tecnológicos e funcionais, como uma ampla categoria presente em praticamente todo o país. Ao que parece, era imprescindível, naquele momento, uma distinção entre a cerâmica indígena pré-histórica e cerâmicas históricas relativamente mais simples (se comparadas às faianças européias ou mesmo às cerâmicas vidradas) presentes a partir do contato, ou ainda, das cerâmicas torneadas, também presentes no período histórico, que pressupunham manufatura e comércio.

O autor admite diferenças locais, identificando fases como subcategorias de uma tradição neobrasileira. Ao que parece, o in-

teresse pelas diferenças regionais se concentrou na identificação de características específicas e localizadas com o intuito de descrever os vestígios recuperados², para que pudessem, posteriormente, ser associados à categoria mais ampla – neobrasileira. No que se refere a esta categoria mais ampla, ela parece ter suprido uma primeira necessidade de diferenciação de cerâmicas históricas das pré-históricas, mas não resta dúvidas que deve ser reconsiderada, tendo em vista as particularidades contextuais de cada região, isto é, considerando o uso social desses vasilhames.

A década de 80 também apresentou alguns trabalhos sobre a produção de cerâmicas regionais, do ponto de vista etnográfico. Estudos como o de Sheuer (1982) podem ser de grande utilidade para o arqueólogo interessado em identificar regionalismos e particularidades da cerâmica simples aqui referida, ou ainda, em refletir sobre continuidades ou discontinuidades na produção e uso da cerâmica denominada neobrasileira/popular.

Mais recentemente, Jacobus (1996) questiona a produção local da cerâmica dita neobrasileira como foi entendida por Dias Jr. (*ibid.*), acreditando na possibilidade de aquisição pelo comércio. O autor apresenta o interesse por uma visão mais dinâmica da cultura material, chamando a atenção para a importância do contexto histórico, enfocando particularmente possíveis influências africanas nas cerâmicas do Sul do país.

No presente trabalho, foi analisada a cerâmica simples de três coleções arqueológicas, que podem ser encontradas atualmente na reserva técnica do Museu Nacional/UFRJ, sendo seus primeiros resultados apresentados neste artigo³. As amostras são referentes aos seguintes sítios arqueológicos históricos: Fazenda da Mandioca, Solar Grandjean de Montigny e Imperial Socieda-

² v. e. g. Dias Jr. (1964, 1971).

³ Este trabalho foi desenvolvido em estágio no Museu Nacional/UFRJ, com Bolsa de Aperfeiçoamento concedida pelo CNPq, sob a orientação da Profa. Dra. Tania Andrade Lima, ao longo do ano de 1998.

de Amante da Instrução, pesquisados ao longo das décadas de 1980 e 1990, no âmbito do projeto “Arqueologia Histórica no Rio de Janeiro: o século XIX”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Tania Andrade Lima.

Foi feito um levantamento preliminar de dados para serem posteriormente comparados com outras coleções, tendo em vista o esclarecimento de padrões regionais e de comércio, assim como da influência afro na sua confecção e uso.

A análise laboratorial dos vestígios arqueológicos pressupõe uma constante associação com as informações obtidas na etapa de campo, sem a qual fica inviabilizado um controle mínimo do contexto das amostras. Embora os contextos dos sítios trabalhados tenham sido considerados durante toda a análise, não será feita aqui uma apresentação pormenorizada dos mesmos, sendo apenas mencionados ao longo do artigo alguns de seus aspectos, conforme a necessidade de melhor apresentação dos dados.

De uma maneira geral, podemos dizer que o material cerâmico analisado, proveniente dos sítios Fazenda da Mandioca (FM), Solar Grandjean de Montigny (SGM) e Imperial Sociedade Amante da Instrução (SAI), encontra-se, nos três casos, em áreas de dejeção de unidades domésticas, situadas no Rio de Janeiro e referentes ao século XIX.

A primeira amostra pode ser caracterizada como proveniente de um contexto rural, localizado na Raiz da Serra de Petrópolis. A segunda, de uma área então periférica ao centro urbano, entendida aqui como semi-rural⁴, no atual bairro da Gávea. E, finalmente, a terceira, de um bairro residencial nobre no século XIX, próximo ao centro da cidade. Esta última localiza-se no atual bairro de Laranjeiras.

METODOLOGIA DA ANÁLISE

Para a análise da cerâmica simples foram criados modelos de tabelas com o objetivo de extrair, de forma sistemática e concentrada, informações sobre padrões de decoração, tecnologia de confecção, morfologia, vestígios de uso, sem perder as referências de cada peça que indicam seu contexto no sítio arqueológico. Parece relevante a apresentação desta etapa do trabalho, para que fique explicitada a maneira pela qual os dados foram extraídos e posteriormente comparados.

A comparação intersítios parece ser uma excelente forma de enriquecer as explanações e interpretações dos usos sociais de determinados objetos no passado. Para isso, considera-se relevante esse esforço de divulgação dos resultados obtidos com a análise da cerâmica simples, ainda que incipientes, que tem o intuito de dialogar com as análises de outros sítios e regiões, que, por vezes, aguardam a publicação de grandes sínteses.

As tabelas utilizadas na análise assumiram as seguintes configurações:

Tabela 1: **Padrão decorativo e sua distribuição intrasítio**

Padrão decorativo	Refer.	Sítio	n.m.p.	Total de frag.
-------------------	--------	-------	--------	----------------

A tabela 1 teve como objetivo localizar cada peça dentro de grandes categorias definidas de acordo com padrões de decoração. Foi criada uma referência para cada peça que se repetiu em todas as outras tabelas. Tal referência apresenta-se em forma de siglas (anotadas em etiquetas que acompanham cada peça) com as seguintes informações: sítio; unidade de escavação, padrão decorativo, tipo e número da peça, respeitando a

⁴ A categoria semi-rural está sendo usada aqui com o intuito de chamar a atenção para situações intermediárias entre o que é rural e o que é urbano, buscando fazer referências mais refinadas a contextos que são diferenciados. De uma maneira geral, estamos considerando as áreas semi-rurais como áreas que apresentam uma produção agrícola, normalmente para consumo local, com pouco peso econômico na balança comercial. Uma característica fundamental é a relativa proximidade aos centros urbanos, que dá uma dinâmica social particular à essas áreas. Um tipo de ocupação característico seriam sítios ou chácaras usados como casas de veraneio, ou mesmo como residências alternativas àquelas do centro urbano.

contagem por NMP⁵ (por borda, base ou bojo). Nesta tabela também foram registradas todas as informações sobre a localização dos fragmentos que constituem cada peça no contexto do sítio arqueológico, tendo sido anotados o número de fragmentos por camada e explicitadas as quadrículas de procedência.

Tabela 2: Aspectos tecnológicos por padrão

Ref.	téc. de queima confec.	cor ext-núc-	Trat. de dureza superf.	tempero obs.
			int.	

Tabela 3: Aspectos morfológicos

Ref.	Borda	Lábio	Contorno	Base e Pé	Apêndices
------	-------	-------	----------	-----------	-----------

Tabela 4: Medições

Ref.	Diâm. da borda	Espes.	comp. máx.	alt. máx.
------	----------------	--------	------------	-----------

As tabelas 2, 3 e 4 tiveram como objetivo sistematizar a descrição de cada peça, no que diz respeito aos aspectos tecnológicos, morfológicos e de medição respectivamente, seguindo os parâmetros e terminologia determinados por Shepard (1976) e Chmyz (1976).

Tabela 5: Alteração de uso – atrito

Face (Externa ou Interna)						
Ref.	Lábio/ borda	Pescoço	Bojo sup.	Bojo méd.	Bojo inf.	Base

Tabela 6: Alteração de uso – absorção de resíduos e deposição de carbono

Face (Externa ou Interna)						
Ref.	Lábio/ borda	Pescoço	Bojo sup.	Bojo méd.	Bojo inf.	Base

As tabelas 5 e 6 tiveram como objetivo registrar informações sobre o uso das peças, como propôs Skibo (1992)⁶. Embora esta etapa seja uma das mais instigantes da análise, ficou bastante limitada pela natureza das amostras estudadas. A amostra proveniente da FM foi a única que possibilitou

a coleta de informações sobre o uso de cada tipo de vasilhame por apresentar um número considerável de peças quase inteiras ou pela metade. As amostras provenientes dos outros dois sítios, SGM e SAI, apresentaram-se extremamente fragmentadas e com baixas frequências como veremos mais abaixo, o que inviabiliza a extração desse tipo de informação.

Dessa maneira, as tabelas 5 e 6 podem oferecer dados extremamente interessantes no que diz respeito ao aspecto utilitário da peça, tanto no que se refere ao manuseio (se usada ao fogo, se usualmente lavada, se usada em fogão de chão, sobre chapas de ferro, suspensas por trempes, etc.), quanto ao conteúdo (vasilhames de armazenamento – especialmente de líquido – tipos de alimentos preparados, etc.). No entanto, é uma condição essencial que se tenha disponível uma amostra com alta frequência de vasilhames quase totalmente reconstituídos, para que se possa ter o controle da ocorrência das manchas e arranhões, resultantes do uso, não confundindo-as com alterações resultantes de agentes pós-depositacionais.

O elemento que guiou a separação do material foi, em primeiro lugar, o atributo decorativo das peças, a partir do qual foram criadas categorias amplas de acordo com padrões de decoração, e subcategorias de acordo com os atributos morfológico-funcionais. Esta pareceu ser a maneira mais adequada para a sistematização de dados, que tem como objetivo a criação de categorias, se possível regionais, que possam ser avaliadas em termos de sua circulação e significação social e simbólica. O aspecto decorativo é especialmente interessante para avaliar a influência africana e afro-descendente na confecção de vasilhames cerâmicos, uma vez que apresenta padrões que diferem das tradições indígenas e européias, quando avaliadas de maneira genérica.

⁵ Número mínimo de peças (NMP) é uma adaptação do NMI (número mínimo de indivíduos) utilizado na análise de material ósseo (v. Lima, 1989: 89-90).
⁶ v.p. 114 para divisões do vasilhame (bojo superior, médio e inferior).

RESULTADOS

Os padrões de decoração que se mostraram mais expressivos foram a decoração escovada e a decoração incisa com motivos variados. Além dessas, foi também evidenciado um número relevante de peças com decoração de friso(s) inciso(s), e uma peça com decoração aplicada.

A frequência das peças que não apresentam decoração também revelou números relativamente expressivos. O alto número de peças sem possibilidade de identificação da presença de decoração se dá basicamente por dois motivos. O primeiro, em virtude da necessidade de se considerar sempre o maior NMP possível. Assim, pequenos fragmentos que correspondem certamente a unidades de peças passam a ser considerados, mas não possibilitam necessariamente a identificação de padrões de decoração.

Um outro ponto a se levantar é o fato de que as decorações incisivas foram identificadas, sem nenhuma exceção, no bojo superior externo, o que limita a área de decoração e reduz a possibilidade de fragmentos decorados serem resgatados. Isso pode ser verificado com o alto número de peças com decoração escovada na FM, por exemplo, com relação àquelas com decoração incisa com motivos variados. A decoração escovada é executada em toda superfície externa, o que possibilita que mesmo em pequenos fragmentos, de qualquer parte do vasilhame, seja verificada a sua presença.

Tabela 7: Número de peças por padrão identificado nas coleções FM, SGM e SAI

Padrão Decorativo *	Sítio	No. de Peças
DIV	FM	21
DIV	SGM	03
DE	FM	32
DE	SGM	02
DFI	FM	16
DFI	SAI	02
DA	SGM	01
SD	FM	07

SD	SGM	16
SD	SAI	21
s/ possibilidade de ident.	FM	42
s/ possibilidade de ident.	SGM	13

* DIV: Decoração Incisa Variada; DE: Decoração Escovada; DFI: Decoração com Friso(s) Inciso(s); DA: Decoração com Apliques; SD: Sem Decoração

Quadros estatísticos das amostras aqui trabalhadas não possibilitam interpretações refinadas, uma vez que as frequências das mesmas são muito baixas, em especial as das amostras dos sítios SGM e SAI.

O sítio SGM apresentou duas áreas principais de escavação. Na designada Área 1, todos os tipos encontrados (DA e SD) se apresentaram de forma concentrada em depósitos aparentemente posteriores à ocupação do arquiteto Grandjean de Montigny, isto é, já na segunda metade do século XIX. No entanto, na Área II, que apresentou cerca de 75 % das peças de cerâmica simples, podemos verificar a concentração das mesmas (dos tipos DE, DIV e SD) em uma camada que sugere um material de meados do século XIX.

A maior parte do material cerâmico encontrado no sítio SAI está localizado em uma área onde foram evidenciados objetos associados ao colégio para meninas instalado no local, no final do século XIX, e que se mantém até hoje.

Na FM as peças analisadas, assim como toda a coleção referente ao sítio, está dividida principalmente entre as construções designadas A e B, sendo que cerca de 75% do material concentra-se na construção B. O material, indiscutivelmente com a maior representação de vasilhames decorados entre as três amostras (v. tabela 1), está provavelmente associado à meados do século XIX.

Se por um lado fica difícil trabalhar a partir de dados estatísticos com amostras de frequências baixas, pode-se ressaltar a relevância na verificação dos tipos de decoração presentes, a recorrência ou não em diferentes sítios, tanto dos tipos de decorativos, quanto de motivos específicos no caso da decoração incisa, para que se inicie um pro-

cesso de classificação, a ser expandido em futuras análises, permitindo assim parâmetros de comparação inter-sítios de tais padrões. Procurou-se iniciar um levantamento de elementos que tornem viável a criação de categorias regionais amplas, que possibilite observar as suas inter-relações, assim como comparações, por exemplo, com estilos africanos do mesmo período.

É interessante notar que 100% das cerâmicas decoradas DIV e DE são panelas para cozinhar. Nenhum outro utensílio, como vasos, alguidares, pratos, apresenta tais padrões de decoração. Assim, alguns indícios podem nortear futuras análises; enfocando o ambiente da cozinha, podemos refletir sobre as escolhas (quem as faz e como são realizadas) na confecção e/ou na aquisição das panelas⁷, tendo em vista que eram esses utensílios, destinados ao preparo dos alimentos, que recebiam tratamentos decorativos variados.

A cozinha da casa oitocentista no Rio de Janeiro é entendida por Lima (1995) como um ambiente eminentemente feminino, em contraposição ao espaço masculino, de ordem e socialização, da sala de jantar. A autora descreve a cozinha como: “um cômodo separado dos demais aposentos, segregado, banido para as áreas mais recônditas da casa, como fundos, subsolos e porões, foi transformado em espaço de rejeição. Em geral muito sujo, fumarento e malcheiroso, fazia um contraponto à sala de jantar: em lugar das finas alfaia, grosseiras louças de barro, pesadas panelas de ferro e alguidares de madeira que, ao lado dos vegetais e animais aí processados compunham um ambiente muito mais próximo da natureza que a refinada sala de jantar, recendendo cultura e civilização”.

Nesse contexto, sugerimos uma reflexão acerca do papel das “grosseiras louças de barro”, que são mencionadas pela autora

ao enfatizar os significados da cultura material. Significados estes que “(...) não lhe são inerentes e devem ser buscados nas relações entre os componentes do sistema ao qual está integrada” (ibid.).

Talvez mais que um ambiente feminino, onde a senhora comandava as atividades domésticas, a cozinha era um espaço de serviço, que por sua vez era realizado por cativos. Vale ainda ressaltar que as grosseiras panelas de barro circulavam não só no âmbito doméstico da casa grande, mas também, provavelmente, nas áreas de preparo de alimentos para os escravos (dentro e/ou fora das senzalas), ou mesmo nas pequenas choupanas onde moravam núcleos familiares de cativos⁸.

Tal circulação e uso das panelas somente poderá ser verificada com a análise de amostras provenientes de escavações intensivas, nas diferentes áreas de atividade e contextos de uma fazenda, por exemplo, tendo-se o controle do lixo doméstico da casa grande, dos resíduos deixados nas proximidades de senzalas e outras construções destinadas a habitação de negros, áreas de produção, etc. Um trabalho desta natureza foi realizado na Fazenda São Fernando (Lima et. al., 1993), com a escavação de parte da área interna da senzala, o entorno de tanques, área próxima à cozinha, entre outras. Segundo as autoras, chegaram a ser recuperadas não só panelas de cerâmica, mas de ferro e pedra sabão. Contudo, da escavação realizada na senzala não foram encontrados fragmentos de vasilhames cerâmicos, mas basicamente elementos construtivos⁹.

Além do controle sobre o contexto arqueológico da cultura material recuperada, no caso das panelas de barro e outros utensílios de cozinha, há que se esclarecer o envolvimento desses objetos no comércio, como sugeriu Jacobus (1996). Para tal sugere-

⁷ Lembrando que além das panelas de cerâmica também eram usadas as de ferro e, em menor escala, as de pedra sabão.

⁸ Sobre as habitações de escravos, ver Slenes (1995, no prelo).

⁹ Além de vestígios da “(...) argamassa do pau-a-pique, fragmentos de telhas, pregos e cravos [foram recuperados] (...) em torno de uma dezena de cacos de faiança branca, dois policromados e dúzia e meia de cacos de vidro” (Lima et. al., 1993: 187).

re-se um levantamento intensivo de documentos históricos que de alguma forma abordem esse comércio, paralelamente às análises arqueológicas.

De uma maneira geral, neste estudo, apenas nos cabe ressaltar que alguns objetos em particular estão servindo como suportes de variações estilísticas no que diz respeito a padrões de decoração; as panelas. Estes objetos estão inseridos em contextos tais como foram sumariamente descritos acima. Para inferir sobre significados implícitos ou explícitos dos seus aspectos estilísticos, é preciso que este estudo seja estendido, com a análise de novas amostras que confirmem, ou não, as evidências levantadas nas coleções dos sítios FM, SGM e SAI, assim como de estudos pontuais (como em antigas fazendas) onde sejam cruzados dados arqueológicos e históricos.

Se o contexto do sítio SAI, urbano e de final de século, apresentou uma total ausência de panelas decoradas (DIV e DE), e mesmo uma baixa frequência de panelas de cerâmica¹⁰ (v. tabela 2), já no SGM esta frequência se inverte, aparecendo não só um maior número de panelas de barro, mas algumas peças com decoração. Já a FM, unidade rural de meados do século XIX, apresentou uma alta frequência de panelas de barro, assim como de panelas com decoração.

Tabela 8: Variação da proporção de panelas/vasos nos sítios SAI, SGM e FM.

Sítio	No. de Panelas	No. de Vasos	Proporção P/V
SAI	04	13	1 / 3,3 (0,3)
SGM	18	06	3 / 1 (3,0)
FM	105	09	11,7 / 1 (11,7)

¹⁰ Para constatar a variação da frequência de panelas nos três sítios, tomou-se como parâmetro a variação da sua frequência com a variação da frequência de vasos, sendo estes os utensílios mais recorrentes nas amostras.

¹¹ Ao contrário do que foi constatado no caso de cachimbos cerâmicos decorados, que apesar de uma grande variedade de padrões decorativos, apresentaram a regularidade de certos padrões. Este é um estudo ainda em desenvolvimento que resultou em uma monografia intitulada Cachimbos de escravos e a reconstrução de identidades africanas no Rio de Janeiro, século XIX., por mim desenvolvida como parte das atividades referentes a uma Bolsa de Iniciação Científica concedida pelo CNPq, de agosto de 1995 a fevereiro de 1998, sob a orientação da Profa. Dra. Tania Andrade Lima. Este trabalho foi parcialmente publicado na Revista de História Regional, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 3 (1), Inverno de 1998.

Comparando a proporção de panelas decoradas dentro do número total de panelas de cada sítio, percebemos que, apesar do alto número de peças decoradas na FM, proporcionalmente, a amostra do sítio SGM chega a superá-la (v. tabela 3).

De uma maneira geral, constatou-se que cozinhas de meios semi-rurais e rurais de meados do século passado estavam aparelhadas com vasilhames cerâmicos decorados destinados ao preparo de alimentos, enquanto que em uma unidade urbana do final do século XIX, já foram encontradas poucas panelas de barro, e a preocupação com seu aspecto estilístico desaparece.

Tabela 9: Proporção de panelas decoradas nos sítios SGM e FM

Sítio	No. de panelas c/ decoração	Panelas	Proporção de panelas decoradas
SGM	18	05	3,6
FM	105	40	2,6

Resta saber se esta mudança se dá por se tratar de um ambiente urbano, ou se a virada do século determinou mudanças na aparelhagem de cozinha, com maior uso de panelas de ferro ou mesmo de latão ou alumínio. Nesse sentido cabe observar, futuramente, a variação de sua presença em sítios rurais, semi-rurais e urbanos do século passado. Outros utensílios de cozinha, além das panelas, também foram identificados, tal como pratos e alguidares. No entanto, sua frequência não foi suficiente para qualquer análise comparativa.

Foi constatada uma variedade relevante de padrões de decoração dentro da categoria DIV e uma baixa reprodução dos mesmos¹¹. A possibilidade de reprodução de

determinados padrões talvez só possa ser verificada com amostras mais significativas desse material, e, apenas com mais evidências, poderão ser inferidas questões como a liberdade criativa do artesão, no momento da confecção e decoração das peças, e o que guiava as suas escolhas.

Nas figuras 1, 2 e 3, em anexo, apresentam-se os motivos decorativos que foram identificados dentro da categoria DIV, evidentes sempre na área do bojo superior externo. Procurou-se agrupar os motivos levando em consideração seus aspectos mais genéricos. Uma vez que a reprodução de padrões idênticos foi muito pouco constatada, tentou-se classificar os padrões, de forma preliminar, em três grandes grupos: 1) com pontos/"folhas" (DIV 1, 3, 8, 16, 17, 21, 22) (v. Figura 1); 2) ziguezague/linhas paralelas (DIV 2, 4, 5, 6, 9, 10, 18, 23) (v. Figura 2); 3) linhas concêntricas, paralelas e curtas (DIV 11, 12, 13) (v. Figura 3).

No grupo 1 formas semelhantes a "folhas", em movimento contínuo, em ziguezague, com 3 aglomerados de pontos paralelos em seu interior (DIV 1), lembram sementes abertas, como a do urucum, por exemplo. Já no DIV 22 as formas de "folhas" desaparecem, mas os 3 aglomerados de pontos se mantêm, sendo o movimento de ziguezague também presente, guiado por uma linha, sobre a qual estão sobrepostos os aglomerados de pontos. Tal motivo (DIV22) aparece restrito por duas linhas paralelas, enquanto que o primeiro (DIV 1) por apenas uma, na parte inferior. Observando o DIV 8, temos os 3 aglomerado de pontos mediados por mais um aglomerado de pontos entre cada grupo de 3, as linhas paralelas presentes no DIV 22 se mantêm, desaparecendo o movimento de ziguezague.

Sugere-se, assim, a observação cuidadosa dos motivos incisos, para que se possa identificar, de forma mais bem fundamentada, a existência ou não de padrões mais genéricos de decoração, que não dependam necessariamente de motivos idênticos, mas que sejam guiados por princípios comuns.

No grupo 2 observa-se a presença de linhas paralelas, bem juntas, e em movimento ritmado, seja pelo ziguezague (e.g. DIV 4 e 5), seja pela formação de "franjas" (e.g. DIV 2 e 9). Nota-se a presença, em alguns casos, de apenas uma linha que acompanha o motivo referido.

No grupo 3 encontram-se linhas curtas e concêntricas. Apresentam-se agrupadas, paralelas, e, por vezes, com as linhas aumentando de tamanho, como a dispersão de uma onda (DIV 11). Parecem ser representadas de forma repetida ao longo do bojo superior externo.

Os motivos DIV 7, 14, 15, 19 e 20 apesar de serem representados por riscos curtos, retilíneos e paralelos em todos os casos, variam consideravelmente na sua disposição, não sugerindo qualquer tipo de associação.

Não resta dúvidas que para estabelecer categorias estilísticas seriam necessárias não só amostras com maior frequência de vasilhames decorados, como maior número de vasilhames com as decorações com possibilidade de identificação clara, e não por pequenos fragmentos, como é o caso dos DIV 7, 14, 15, 16, 17, 19, 20 e 21. Além de, é claro, algum tipo de padrão identificável, e não uma variedade inesgotável de motivos dificilmente associáveis.

No entanto, foi feito um esforço de classificação, não necessariamente para fins interpretativos imediatos – pela precariedade de suas fundamentações – mas para sugerir observações mais detalhadas sobre os motivos incisos recorrentes nas panelas de cerâmica encontradas nos sítios do século passado.

O padrão de Decoração Escovada (DE) apresenta-se com o escovado em sentido horizontal por todo o bojo, sendo que no bojo superior externo ele pode apresentar-se em sentido vertical, diagonal, em forma de franjas, ou simplesmente ausente.

Nos vasilhames deste padrão foram identificados indícios de variação nos tipos de argila, particularmente daqueles proveni-

entes da amostra da FM. Enquanto as peças com decoração DIV são todas confeccionadas em argila com queima avermelhada, nas de decoração DE podem ser encontradas argilas avermelhadas, embranquecidas e amareladas. Análises mineralógicas poderão ser feitas, enriquecendo as informações sobre as diferentes fontes das argilas, auxiliando a resolver questões como a da procedência dos vasilhames, (se localmente confeccionados ou adquiridos por comércio), por exemplo.

A análise desenvolvida neste estudo faz parte de um projeto mais amplo que enfoca a construção de identidades afro-brasileiras, particularmente no Rio de Janeiro, no final do século XVIII e ao longo do século XIX. Assim, não tivemos o objetivo de responder, nesse momento, às questões que vem sendo levantadas, mas de apresentar alguns dados que, com a continuidade da pesquisa, possam esclarecê-las futuramente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIAS JR., O. F. 1964. Cerâmica Cabocla do Vale do Elefante. *Boletim do IAB*, Rio de Janeiro, 3.
- DIAS JR., O. F. 1971. A Fase Parati: apontamentos sobre uma fase cerâmica neobrasileira. *Universitas*, Salvador, 8-9.
- DIAS JR., O. F. 1988. A Cerâmica Neobrasileira. *Arqueo-IAB* (Textos Avulsos 1), Rio de Janeiro.
- CHMYZ, I. 1976. *Terminologia arqueológica brasileira para cerâmica*. Cadernos de Arqueologia, a. I, n.1.
- JACOBUS, A. L. 1996. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul.
- LIMA, T. A. 1995. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista* (Nova Série), São Paulo, 3.
- LIMA, T. A. et al. 1989. Aplicação da fórmula de South a sítios históricos do século XIX. *Dédalo*, São Paulo, 27.
- LIMA, T. A. et al. 1993. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material* (Nova Série), São Paulo, 1.
- SLENES, R. W. 1995. *Bávaros e Bakongo na "habitação de negros": Johann Moritz Rugendas e a invenção do povo brasileiro*. (mimeografado)
- SLENES, R. W. s/d. *Na Senzala uma Flor: as esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SHEPARD, A. O. 1976. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington.
- SHEUER, H. L. 1982. *A tradição da cerâmica Popular*. São Paulo, Livramento.
- SKIBO, J. M. 1992. Pottery Function: a use-alteration perspective.

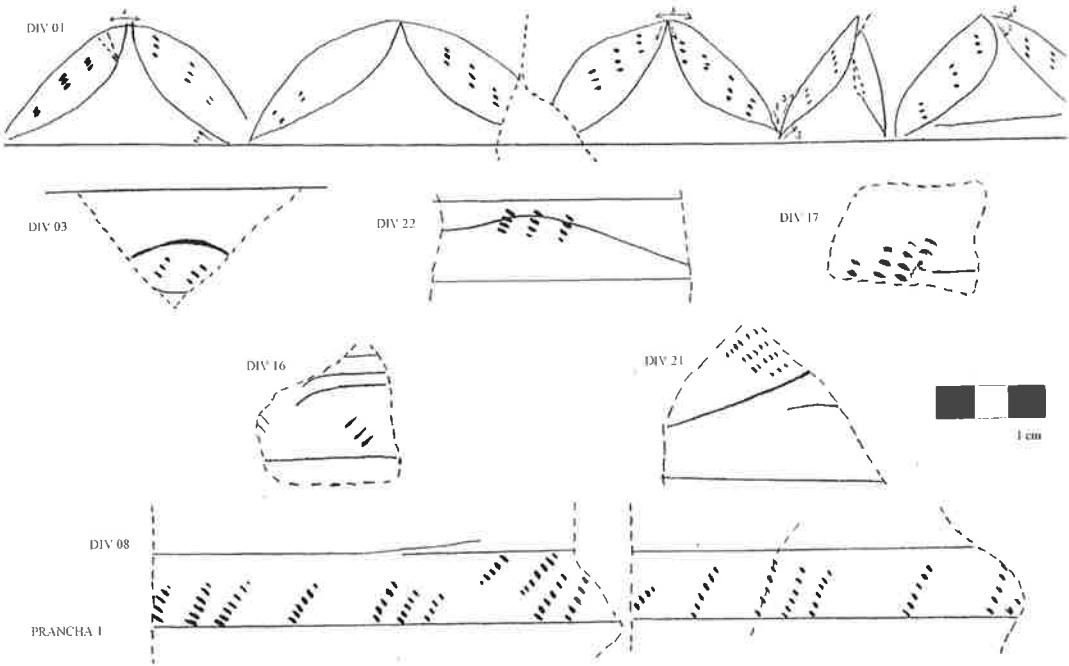


Figura 1: Grupo 1

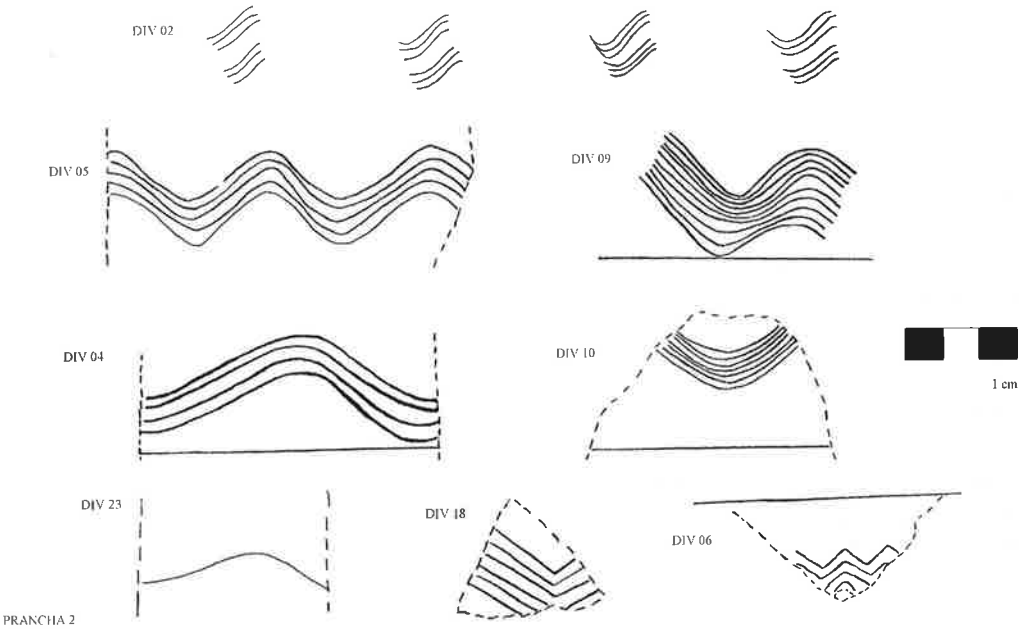
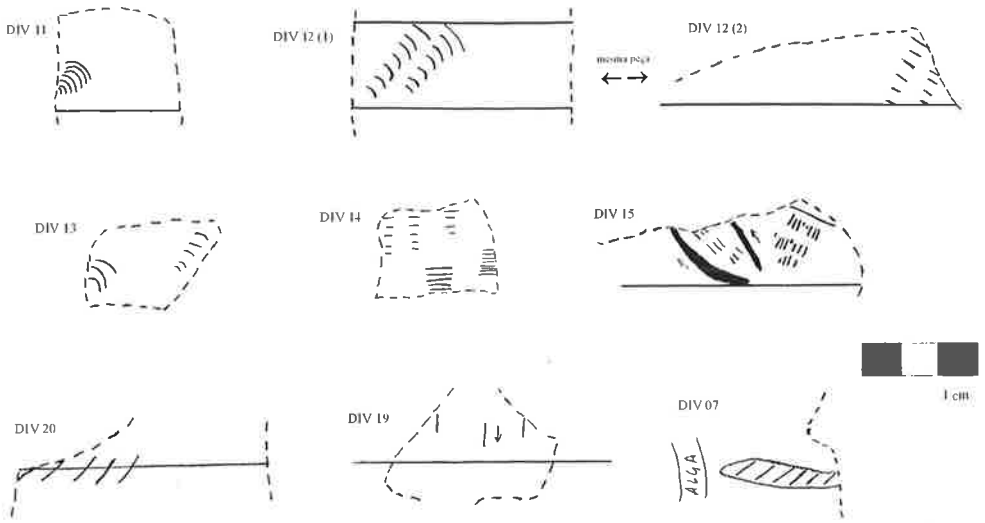


Figura 2: Grupo 2



PRANCHA 3

Figura 3: Grupo 3